

THE LATEST TRENDS IN ENGLISH WORD-FORMATION

SZYMANEK, Bogdan. The latest trends in English word-formation. In: Štekauer, P. and Lieber, R. (eds.). *The Handbook of Word-Formation*. Netherlands: Springer, 429-448, 2005.

Tradução:

Carlos Alexandre GONÇALVES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

1. Introdução

Vamos começar clarificando os termos que aparecem no título deste capítulo. A expressão “últimas tendências” deve ser entendida como as tendências, ou novidades, que se tornaram rotineiras no vocabulário do inglês, aproximadamente no último trimestre do século XX século, e ainda estão em uso (embora referências ocasionais sejam feitas sobre desenvolvimentos que ocorreram nas décadas anteriores). “Tendências na formação de palavras em inglês” não deve ser interpretada como inovações descritivas ou abordagens teóricas para a formação de palavras, mas (simplesmente) como tendências na criação e utilização de palavras complexas em inglês. Em particular, incidem sobre as tendências que são indicativos de algumas, no entanto menores, modificações na gramática do sistema de que componente ‘formação de palavras’ é parte integrante, i.e., tendências que têm um princípio regular. Essas terão de ser justapostas com casos extragramaticais de formação lexical criativa e individual que são, linguisticamente, menos relevantes, não importando o quão modernas ou de vanguarda elas são. A menos que exigida por fatos e especificamente mencionada, nenhuma distinção evidente será feita sobre as variedades de inglês (britânico, norte-americano etc.) No entanto, em termos de registo, nossa abordagem vai ser um pouco tendenciosa, por focalizar, em particular, a língua escrita (em vez da falada). Isto é em parte devido ao fato de que os nossos dados derivam principalmente de fontes impressas. Mas há uma outra desculpa para essa falta de equilíbrio: “palavras complexas derivadas são em geral mais características de registros escritos” (Adams, 2001: 15). No entanto, há diferenças marcantes, através de registros, relativas, por exemplo, à produtividade dos afixos individuais (ver Plag, Dalton-Puffer e Baayer, 1999).

Grande parte da discussão a seguir, inevitavelmente, dialoga com o conteúdo dos capítulos imediatamente anteriores; assim, um dos aspectos mais óbvios da evolução de um sistema de formação de palavras se relaciona com mudanças na produtividade de processos específicos ou formativos (afixos etc.), o que nos remete de volta ao capítulo “Produtividade” neste volume. O capítulo “Lexicalização”, também neste volume, pode parecer um bom ponto de ancoragem para o tema em discussão aqui; no entanto, a sua significância é menos óbvia, uma vez que, por definição, casos de lexicalização pertencem a lexemas individuais, ou seja, elementos idiossincráticos, assistemáticos, e, portanto, mais difíceis de descrição em termos de tendências gerais.

Nosso tópico impõe uma única abordagem sobre nós: em parte, é sincrônica, na linha da maioria das descrições recentes do sistema de formação de palavras do inglês, como tratado nos dias de hoje. Mas, em parte, tende a ser diacrônica, uma vez que pretendemos investigar mudanças com o sistema embora o período de tempo coberto seja não caracteristicamente curto. Estudos diacrônicos gerais sobre recentes mudanças na

morfologia do inglês não são numerosos. Entretanto, ver, por exemplo, Algeo (1998), Bauer (1994), Cannon (1997), Faiss (1992), Kastovsky (1986).

Algumas das forças que moldaram a formação de palavras em inglês nos últimos anos são relativamente proeminentes e fáceis de localizar. Mas há várias tendências sutis, muito fracas ou obscuras para ser o reconhecidas com certeza absoluta, novas tendências na tomada, cujo real escopo e significância só se tornarão aparentes com o benefício da retrospectiva. Temos de lembrar que, em geral, os desenvolvimentos linguísticos são lentos e marcados por continuidades.

2. Neologismos derivacionais

Um dos principais aspectos dos novos desenvolvimentos no campo da formação de palavras é a emergência de novas palavras complexas, cunhadas de acordo com alguns padrões produtivos e bem estabelecidos. Instâncias desse fenômeno podem ser chamadas de neologismos derivacionais, se quisermos distingui-los de outros neologismos, isto é, de palavras novas criadas *ex-nihilo* (“do nada”), sem ativação de qualquer processo morfológico, então denominado de criação de raiz, como ‘blurbe’, ‘gorgol’ ou ‘quark’ (veja McArthur, 1992: 876); sobre diferentes motivações para neologismos, ver Cowie (2000); sobre uma teoria onomasiológica de neologismos, ver Stekauer (2002). A fonte mais óbvia de dados sobre e informações sobre neologismos (derivacionais) são os vários dicionários de novas palavras e neologismos.

Neologismos derivacionais podem ser classificados e descritos de acordo com os principais tipos de processos de formação de palavras operativos em inglês. Pode-se, assim, traçar novas palavras complexas que são produtos de composição, prefixação, sufixação, conversão etc (veja McArthur (1992, 685) e seção 4 para discussão e exemplificação). Divisões alternativas, ou mais gerais, de novas palavras também estão disponíveis na literatura. Considere, por exemplo, a classificação em Cannon (1987): “mudanças” (incluindo mudanças funcionais, i. e., conversão), “encurtamentos” (incluindo abreviações, acrônimos, derivações regressivas e *blends*) e “acréscimos” (incluindo afixação e composição), além de empréstimos, que estão além do escopo desta pesquisa.

Neologismos derivacionais devem ser distinguidos das chamadas *hapax legomena*, i.e, palavra-tipo (em oposição a palavra-*tokens*), que só aparecem uma vez em dado *corpus*. Por exemplo, o verbo *alumliiumise* é um *hapax legomenon* no *corpus* Cobuild (versão de julho de 1995; Plag, 1999: 279). O significado de *hapax legomenon* tem sido sublinhado em recentes estudos teóricos sobre produtividade morfológica (por exemplo, Baayen & Lieber, 1991; Plag, Dalton-Puffer e Baayen 1999; Bauer 2001). Crucialmente, verificou-se que “o número de *hapaxes* de categorias morfológicas está correlacionado com o número de neologismos daquela categoria, de modo que o número de *hapaxes* pode ser visto como um indicador de produtividade” (Plg. Dalton-Puffer e Baayen, 1999: 215). Contudo, todos os casos de *hapax legomenon* são genuínos neologismos (alguns são simplesmente velhos ou mesmo palavras obsoletas, usadas apenas uma vez e depois esquecidas) ou *vice-versa*: nem todo exemplo de neologismo recente terá o *status* formal *hapax legomenon* em um dado *corpus* (uma vez que uma palavra-tipo particular pode aparecer uma vez num *corpus*, ou pode ser não-atestada).

3. Formações analógicas; analogias locais

De um modo geral, além da força lexical e da produtividade de determinado modelo, uma nova palavra complexa pode ser criada por analogia. Um exemplo disso é

The latest trends in english word-formation

uma formação analógica (Bauer 1983: 96), “uma nova formação claramente modelada por um lexema já existente, não dando origem a uma série produtiva”. Por exemplo, Adams (2001: 84) menciona a substantivo composto *whitelist* (“lista branca”) como antônimo logicamente cunhado de *blacklist* (“lista negra”), enquanto Kastovsky (1986: 419) dá o exemplo do verbo *chaindrink*, inspirado em *chainsmoke*. Outro exemplo desse tipo é o substantivo *earwitness* (“testemunha auditiva”) com base em *eyewitness* (“testemunha ocular”). Em uma veia similar, Plag (1999) fala de analogia local. Quando se discute, por exemplo, a história derivacional de verbos derivados como ‘inactivate’, ‘radioactivate’, Plag (1999: 210) argumenta que eles são modelados no par ‘active’ – ‘activate’; mais importante, Plag (1999: 20) afirma que “formações analógicas devem ser distinguidas de instanciações de regras produtivas de formação de palavras”.

No entanto, uma única instância de formação analógica pode, às vezes, dar origem a um novo e, em última instância, produtivo padrão ou afixo (para exemplos, ver seção 5 abaixo). Não parece possível ou apropriado dissociar completamente ambos os conceitos, ou seja, analogia e (alta) produtividade.

4. Mudanças na importância relativa dos tipos de processos de formação de palavras

É difícil avaliar e comparar, em termos globais, a contribuição relativa de diferentes processos de formação de palavras (ver Lieber, neste volume) para o estoque de novos vocábulos em inglês. No entanto, existem algumas tendências universais e o inglês não é nenhuma exceção aqui, cf. Sapir (1921: 59): “alguns desses processos gramaticais, como a sufixação, são extremamente difundidos; outros, como a mudança vocálica, são menos comuns [...] e “dos três tipos de afixação - o uso de prefixos, sufixos e infixos - a sufixação é muito mais comum” (Sapir 1921: 67). Essas generalizações podem ser interpretadas, no contexto de nossa discussão, para significar que a sufixação tem sido, e ainda é, a principal fonte de novas palavras complexas, em inglês e em muitas outras línguas. Tem sido argumentado recentemente (Bauer 2003) que, em inglês, a “preferência pela sufixação” é reforçada pela tendência crescente de hoje (uma mudança tipológica) para o uso de formas combinatórias em posição inicial, ao invés de antigos prefixos germânicos (como *a-*, *be-* etc.). Bauer conclui que “com a notável exceção de *un-*, temos percebido que toda uma classe de prefixos desapareceu em inglês”, ou perdeu em produtividade, tanto é que “podemos prever que eles estão propensos a morrer em algum tempo” (Bauer 2003: 35). Em seu lugar, encontra-se um crescente uso de formas combinatórias como o *eco-*, *electro-*; *hiper-*, *macro-* etc e vários “novos” prefixos como *-e*, em *e-educação* (ver abaixo). Aqui estão alguns exemplos de palavras recentes derivadas por sufixação: *anagramable_A*, *bullyable_A*, *cannable_A*, *albumful_N*, *ballooorful_N*, *blairesee_N*, *designy_A*, *arrangee_N*. Todos os exemplos são citados a partir da coleção de neologismos do *The Independent* (1997-1999), disponível em www.rdues.liv.ac.uk/newwords.shtml.

A composição também contribuiu com um monte de itens lexicais recentes em inglês, em particular nos compostos do tipo endocêntrico, como ‘*cellphone*’ ou ‘*afinity card*’ (1986), este último “uma forma de cartão de crédito que automaticamente subtrai o dízimo de qualquer transação e doa para instituição de caridade de escolha do usuário” (Green, 1990: 4). No campo da computação, temos substantivos como ‘*chipset*’, ‘*data cruncher*’, ‘*file transfer protocol*’ e muitos outros. Se nos concentrarmos em um outro campo semântico, digamos estilos em música (popular), pode-se citar ‘*acid rock*’, ‘*art rock*’, ‘*punk rock*’ etc, mas há também compostos exocêntricos como ‘*acid house*’, ‘*Nu-metal*’, ‘*newgrass*’. A partir de um domínio diferente, considere, por exemplo, ‘*couch potato*’, “um

observador de televisão inveterado” (Green, 1991: 61), ou seja, “uma pessoa que assiste muita televisão e não tem um estilo ativo de vida” (CALD) ou apenas “alguém que está inativo, isto é, prefere sentar em vez de fazer exercícios” (R. Lieber. comunicação pessoal).

A facilidade com que os falantes podem produzir substantivos compostos novos pode ser atribuída, em primeiro lugar, ao fato de que esse processo particular não é muito limitado por restrições gramaticais (ao contrário do uso de muitos afixos), salvo alguns requisitos semânticos gerais e fatores pragmáticos (extra-gramaticais), como, por exemplo, a exigência de nomeabilidade (Bauer 1983: 86), que afirma que um item lexical “deve denotar algo que seja nomeável” ou, pode-se acrescentar, que valha a pena nomear, a partir do ponto de vista do emissor. Em segundo lugar, a criação de compostos N + N é facilitada por uma propriedade formal desse processo, conhecido como recursão: um modificador nominal pode ser adicionado a um complexo N N (+ N ...) já existente, que pode produzir itens lexicais de complexidade e comprimento sem precedentes. Considere, por exemplo, o seguinte dado: ‘student film society committee scanda/ inquiry’ (Spencer 1991: 48). Como não é bem conhecido, inovador, por vezes bizarro, e muitas vezes difícil de interpretar, um composto é colocado entre barras em notícias de TV, manchetes de jornal e, geralmente, no discurso jornal (por razões de espaço devemos ignorar esse assunto, ver, por exemplo, Biber (2003), Ljung (2000) e referências citada).

Mas o usuário da linguagem contemporânea muitas vezes também recorre a outros padrões de composição. Por exemplo, as últimas décadas têm sido marcadas por um aumento do uso dos chamados compostos neoclássicos, envolvidos caracteristicamente nos sistemas greco-latinos (também referidos como formas combinatórias presas), como nos seguintes exemplos, todos começando com electro- e denotando estilos musicais: ‘electroclash’, ‘electro-pop’, ‘electro-grind’, ‘electro-jazz’, ‘electro-goth’ etc (Dent 2003: 43). Outras formas combinatórias iniciais recentes são eco-, como em ‘ecobtology’, ‘ecolingulsticsand’, ‘eco-terrorism’, bio-, como em ‘bio-terrorism’, ‘bio-diesel’, ‘biodiversity’, ou cyber-, como em ‘cibernauta’, ‘ciberart’, ‘cybersurfer’, ‘cyberbar’, ‘cyber-pet’ etc (Knowles 1998: 79). Ocasionalmente, surgem novas formas de combinar, por exemplo, nega- (de negative), “usada em palavras que indicam uma redução ou ausência da coisa identificada pelo segundo elemento do composto”, como em ‘negademand’, ‘negatrip’ (Knowles 1998: 206). Outro exemplo do mesmo tipo parece ser docu-, que apareceu pela primeira vez no *blend* ‘docudrama’ (1960), a partir de docu(mentary) + drama (Verde 1991: 77) e desde então tem sido utilizado em vários cunhagens (‘documusical’, ‘docuhistory’, ‘docu-fulllasy’, ‘docusoap’ etc.) Portanto, pode-se legitimamente falar sobre “a atual vitalidade das formações de raiz” (Adams, 2001: 13).

Compostos frasais parecem constituir outro padrão em ascensão. Esses são compostos que envolvem frases sintáticas em posição de pré-cabeça (modificador). Considere, por exemplo, ‘a [floor / of a birdcage] taste’, ‘a [slept all day] look, a [p/easant to read] book’, ‘a [connect the dots] puzzle’ (Lieber, 1992: II). Os exemplos a seguir vêm de um romance recentemente publicado (Paling 1997): ‘a quiet, out-of-the-way pub, his late-but-tragic marriage, his [...] laying-the-cards-on-thetable situation’.. Desnecessário dizer que expressões desse tipo são, via de regra, criações espontâneas; não figuram nos dicionários.

Ocasionalmente, um tipo formal de palavra composta pode ser sentido como novo em inglês. Tal é o caso dos compostos com a estrutura N-cum-N (ou Adj-cum-Adj, ver Stein 2000: 277 ss): argumerus-cum-discussians; bar-cum-café, buttler-cum-chauffeur, pub-cum-hotel, grammarian-cum-lexicographer, philosophic-cum-economic etc. Stein (2000:

The latest trends in english word-formation

279) salienta que esse uso de -cum- (que remonta ao significado latino da preposição ‘cum’, “com, junto com”, não é nem descrito nem referenciado em qualquer um dos manuais de referência padrão sobre formação de palavras em inglês nem nos livros sobre neologismos recentes”, enquanto o OED só dá uma descrição lacônica, definindo -cum como uma “palavra de combinação” e ilustrando esse uso com quatro exemplos (o primeiro, motor-bike-cum-side-car-trips, data de 1913). De acordo com Stein (2000: 284), “compostos-cum têm uma posição linguística entre estruturas sintáticas e formações de palavra *tradicionais*”. Acrescentemos que o elemento cum-, de acordo com Stein (2000: 281), “é um morfema lexical preso”, claramente diferente em *status* de prefixos ou sufixos; é assim definido em um dicionário recentemente publicado (CALD, 2003): “preposição usada para unir dois substantivos, mostrando que uma pessoa ou coisa faz duas coisas, ou tem duas finalidades; combinado com: ‘This is my bedroom-cum-study’ – “Este é meu quarto-cum-estudo”.

Produtos de conversão em inglês (ver Lieber, neste volume) foram descritos como “contextuais” na literatura morfológica (Clark e Clark 1979; Aronoff, 1980), porque o significado exato de itens novos que representam essa categoria é muitas vezes imprevisível fora do seu contexto sentencial e pragmático. No entanto, essa imprevisibilidade não enfraquece, de forma alguma, a vitalidade notável da conversão no inglês atual. Exemplos *ad hoc* de verbos denominais não-sufixados recém-criados, em particular, podem ser encontradas no discurso cotidiano e em jornais e ficção. Ayto (1989: Introdução) aponta que, hoje, a conversão “continua vigorosamente produzindo sobretudo verbos de substantivos e adjetivos (feeder-flan, gender-office, rear-end, silicone, source, stif, Velcro, wide), mas também transforma verbos em -ing em substantivos (‘spend’)”. Além disso, considere os seguintes verbos, com base em nomes compostos: ‘to handbag’ – “ataque sem piedade, vigorosamente - vindo de uma mulher, especialmente da política” (cf. handbagging em Tulloch (1991: 145-6)); ‘to doorstep’ – “para um repórter esperar na porta de uma pessoa, a fim de tentar obter uma entrevista quando a pessoa chega em casa ou sai” (Green 1991: 78).

Vou desconsiderar aqui os mecanismos complexos que permitem que o ouvinte / leitor compute os significados (muitas vezes imprevisível) de muitos itens estranhos produzidos por conversão. Da mesma forma, devo encobrir o conhecimento do falante do fato de que o uso da conversão está sujeito a restrições, de modo que qualquer substantivo não pode ser transformado, com sucesso, em um verbo não-sufixado, em qualquer contexto. Por exemplo, ainda que o verbo ‘to paint’ signifique, aproximadamente, “cobrir com tinta” (não necessariamente com uma escova), uma frase como **Velázquez painted his brush* é mal-formada quando o falante pretende transmitir a mensagem de que Velázquez molhou o pincel em um pote de tinta (ver Kiparsky (1997) para mais discussão e exemplos).

Não devemos deixar para trás a derivação regressiva, os *blends* e outros processos de formação de palavras menores. Eles também contribuem substancialmente para a criação de algumas palavras muito recentes.

Um padrão de derivação regressiva, em particular, vale a pena ser destacado, no contexto da presente discussão, como tem sido marcado por um crescimento considerável, nos últimos anos. O padrão pode ser ilustrado com os exemplos estabelecidos a seguir: *airconditioning* – *to air-condinon*. *window-shopping* - *to window-shop*. Um verbo complexo é aqui derivado de uma ação nominal, por meio da queda da terminação final -ing. Alternativamente, outros exemplos que representam o padrão são relacionados a agentivos ou instrumentais de base substantiva: *guestconductor* - *to guest-conduct* and *tape-recorder* - *to lape-*

record.. Também considere os seguintes verbos: *to brainwash*, *computer-generate*, *deep-fry*, *diver-bomb*, *drink-drive* (Ver Adams (2001: 10) para mais exemplos). Na verdade, a natureza exata do processo é discutível – alguns estudiosos argumentam que não é a derivação regressiva que se aplica aqui, mas a composição direta. Para a defesa da análise por derivação regressiva desses dados, ver Shimamura (1983) e Adams (2001: 100-101), que aponta que “a composição verbal é um processo produtivo em algumas línguas, mas o inglês não é uma delas” e assim as formações em discussão “são geralmente sentidas como produtos de derivação regressiva”. No entanto, ver também a interpretação diacrônica do padrão em questão oferecida em Kastovsky (1986: 419). Kastovsky prevê que em inglês “esta é a melhor maneira para desenvolver um tipo genuíno de verbo composto, que, então, pode muito bem ser caracterizada como uma instância da incorporação nominal”. De qualquer forma, verbos estabelecidos deste tipo estão listados em dicionários com uma data posterior da primeira ocorrência do que os seus correspondentes nominais (por exemplo, o OED lista *sleep-walker*, sonâmbulo (1747), *sleep-walking* (1797) e *to sleep-walk* (1923).

Blends constituem outra área da formação de palavras do inglês contemporâneo em que neologismos são bastante comuns (particularmente na linguagem da mídia). Como apontado por Stockwell e Minkova (2001, 6), “não é incomum que novos termos técnicos sejam criados por *blends*”. Essa observação é ecoada em Ayto (2003: 183): o *blend* é “agora um método perfeitamente respeitável de criação de novos conhecimentos científicos ou terminologia técnica, uma vez que casos de *blend* se multiplicaram exponencialmente no século XX”, com a década de 1930, provavelmente, oferecendo o maior número de novos casos, mas a tendência continua até o presente. Aqui estão alguns exemplos bastante recentes: *advertorial* (*advertisement* + *editorial*), um anúncio escrito na forma de um editorial, que supostamente fornece informações objetivas sobre um assunto comercial ou industrial (OED: 1961), *infotainment* (*information* + *entertainment*); *affluenza* (*affluence* + *influenza*), *screenager* (*screen* (of a TV/computer) + *teenager*) or, from the collection at www.ruf.rice.edu/kemmer/words, *televangelist* (*television* + *evangelist*), *earjack ing* (*car* + *hijacking*). *spork* (*spoon* + *fork*), *Japanimation* (*Japan* + *animation*); *Netizen* (*Net* i.e. *Internet* + *citizen*), etc.

O método de *clipping* (ou encurtamento) está por trás de outra grande parte do novo vocabulário coloquial. No entanto, como no caso de acronímia (veja abaixo), instâncias desse processo podem ser consideradas como legítimas reduções de suas contrapartes maiores. Exemplos a partir de 1990 incluem os seguintes itens (www.ruf.rice.edu/kemmer/words): *zine* (de *magazine*), *vator* (de *elevator*). *wac* (de *wacky*), *fro-yo* (de *frozen yogurt*).

Finalmente, siglas e acrônimos também são amplamente cunhados no inglês atual. Considere os seguintes exemplos... Um novo fenômeno, identificado na literatura recente (ver Stockwell e Minkova 2001: 9) é o aumento das chamadas siglas reversas: “os criadores começam com uma palavra que eles querem como seu nome, digamos, por exemplo, CORE, e trabalham a partir dessas quatro letras para encontrar quatro palavras que representem algo como a ideia que eles querem associar”. Formações desse tipo são também chamadas de siglas *slogan* (McArthur, 1992: 12); outros exemplos são: *NOW* for *National Organisation of Women*; *PACE* for the *Police and Criminal Evidence Act*. CCE ex: Comecei Comprano Errado; Conserta Conserta Estraga. FIAT - Fui Inganado, Agora é Tarde.

5. Compactação de novos afixos

A compactação de afixos pode ser definida como um caso em que um novo afixo estabeleceu-se por si só porque falantes começaram a percebê-lo em um grupo de palavras

The latest trends in english word-formation

emprestadas (ver Marchand, 1969: 211; Adams 2001: 134) ou porque falantes reinterpretem uma determinada palavra existente (que pode ser nativa ou estrangeira). Neste último caso, de acordo com Rundblad e Kronenfeld (2000: 28), o fenômeno pode ser visto como um caso especial de etimologia “folk” (popular, folclórica): “palavras opacas são, na medida em que suas formas permitem, curiosamente, muitas vezes, reinterpretadas como compostos ou afixações que consistem de duas partes”. Inicialmente, o uso de tal afixo recém-criado pode ser atribuído por analogia (ver seção 3). Alguns casos mais antigos e bem conhecidos do processo em discussão são apresentados em Marchand (1969: 211); por exemplo, o sufixo -teria, “loja, estabelecimento”, originalmente compactado de ‘cafeteria’ e então usado (desde 1930, principalmente no inglês americano) mais e mais livremente, em cunhagens analógicas novas (como ‘candyteria’, ‘chocolateria’, ‘frutiteria’ etc). O padrão parece ser ainda vivo (veja Baldi e Dawar, 2000: 968), já que o sufixo, “nomeador de lojas de varejo”, é ilustrado com mais exemplos (‘cookieteria’, ‘used-booketeria’). Hoje, há um número de sufixos recém-emergentes desse tipo. Para ilustrar este desenvolvimento, podem ser citados elementos de final de palavra como -oholic (a partir ‘alcoholic’: ‘workaholic’, ‘chocoholic’, ‘webaholic’); -gate (de ‘Watergate’: ‘Irangate’, ‘Monicagate’); -nomics (de ‘economics’: ‘Reaganomics’, ‘Clintonomics’) ou -buster (baseado no filme blockbuster, 1984, e ghostbusters (Baldi e Dawar 2000: 968)): ‘crimebuster’, ‘drugbuster’, ‘debtbuster’, ‘fal-busler’; bem como elementos iniciais de palavras, como agri- (‘agribusiness’, ‘agricorporations’) ou e- (‘e-mail’, ‘e-commerce’, ‘e-shopping’, ‘e-Cash’, ‘e-tuoney’, ‘e-business’ etc.). Segundo algumas fontes, os elementos em questão devem ser chamados, mais apropriadamente, de “formas combinatórias” (ver seção 4, acima); considere, por exemplo, a entrada para -athon no OED: “forma combinatória barbaramente extraída de ‘marathon’ e utilizada ocasionalmente no inglês norte-americano, e raramente no britânico, para formar palavras que denotam alguma coisa feita em uma duração anormal do tempo”. No entanto, -gate, de acordo com a mesma fonte, é um sufixo. Dado o fato de que cada padrão originou-se como tal a partir do zero, inicialmente com apenas uns poucos exemplos, pode-se observar que hoje alguns deles demonstram um notável ganho em produtividade, sendo representados por várias dezenas de cunhagens.

6. Lexicalização de afixos

Por “lexicalização” de afixos, entende-se um processo diacrônico pelo qual afixos (ou formas combinatórias) adquirem o estatuto de item lexical independente, isto é, começam a funcionar como formas livres. Um caso bem conhecido (e bastante antigo) deste tipo é o sufixo nominal -ism, que pode ser transformado em um substantivo, ‘ism’ (cf. ‘isms’ no plural), significando “sistema de crença” (cf. por exemplo Adams (2001: 60) e Bauer (1983: 35) sobre a passagem diacrônica de um sufixo para um lexema). Parece que o potencial para o uso independente evidenciado por -ism também é compartilhado por vários outros elementos, o que pode sugerir uma característica interessante do vocabulário contemporâneo. Outro exemplo pode ser -ish, cf. A: Foi caro? B: ish. Além disso, considere o adjetivo ‘mega’ (It’s absolutely mega), baseado na forma combinatória mega-. No entanto, palavras como ‘hood’, “neighbourhood no centro da cidade”, ou dis(s), “mostrar desrespeito”, que também são idênticas a afixos, devem ser consideradas como produtos de abreviação (*clipping*) das respectivas formas-base.

7. Mudanças na produtividade, produtividade relativa e escopo de afixos individuais

A produtividade morfológica (ver Bauer, neste volume) tem sido investigada em numerosos estudos nos últimos anos. No entanto, a maior parte da literatura relevante lida com essa questão numa perspectiva sincrônica, o que significa que, por exemplo, o vocabulário usado durante todo o século XX é considerado, coletivamente, como base de dados para generalizações. Considere, por exemplo, as análises detalhadas dos processos de formação de verbos em Plag (1999), a partir do qual se pode aprender que, por exemplo, com base no número de neologismos atestados no século XX no OED, afixos formadores de verbos em inglês podem ser organizados, em ordem decrescente de produtividade, como se segue (Plag 1999: 10): -ize (284 novos tipos de neologismos), -ate (72), -ify (23), eN- (7), -en (2) e be- (0). O que quer dizer, dentro desse conjunto, que -ize é julgado como o mais produtivo, enquanto be- é completamente improdutivo. Mas isso nos dá um quadro estático, um resumo sumário dos fatos, no sentido de que nenhum cálculo distinto está sendo oferecido para períodos mais curtos. Alternativamente, investigações diacrônicas sobre a produtividade são disponíveis onde o sistema de formação de palavras atual, vagamente definido, é justaposto com a situação nos séculos passados (por exemplo, Bauer 2001). Para o propósito desta discussão, devemos nos concentrar, em primeiro lugar, nessas mudanças na produtividade, que são uma característica das últimas décadas: vários comentários espalhados na literatura demonstram que, previsivelmente, alguns afixos têm vindo a ganhar produtividade, enquanto outros, recentemente, têm vindo a perder.

A história do sufixo formador de substantivo -nik (como em ‘refusenik’), no inglês do século XX, pode servir como um livro-texto de exemplo de mudança de escopo e produtividade de alguns padrões de formação de palavras que usamos hoje. Considere a seguinte citação: “esse sufixo, de origem russa, via Yídiche, começou a ganhar popularidade em inglês na década de 1950, mas teve somente um curto período de alta produtividade” (Huddleston e Pullum 2002: 16 (9)); -nik “desfrutou de uma voga considerável em meados do século XX, mas desde então desapareceu” (Carstairs-McCarthy, 1002: 113). A mudança no destino do elemento em questão foi investigada com detalhes em Bauer (1983: 255-266), obra em que se argumenta que, de fato, estamos provavelmente lidando, aqui, com dois sufixos nik- diferentes: um em um grupo de palavras modeladas na forma russa ‘sputnik’ (‘Dudnik’, ‘jutnik’, ‘nutnik’ etc), em que “-nik, aparentemente, deixou de ser produtivo no início na década de 1960”, e, em outro conjunto, um -nik pessoal em palavras como ‘beatnik’, que, muitas vezes, significa ou “fã de um certo tipo de música” (‘folknik’, ‘jazznik’) ou “membro de um grupo não-governamental” (‘draftnik’, ‘peacenik’).

De acordo com a proposta de Bauer (1983: 259), “o sufixo pessoal -nik, como em ‘beatnik’, ainda é produtivo”; uma década ou pouco mais, a avaliação é um pouco diferente: Bauer (1994: 48) fala de um “declínio no uso do sufixo (em ambas as funções, ou de ambos os sufixos)”. No entanto, o -nik pessoal ainda está vivo em Yídiche-Inglês; por exemplo, é comum no Yídiche-Inglês a palavra ‘nudnik’, “uma pessoa chata”, do verbo ‘to noodge’, “incomodar”; outra formação *Yinglish* é ‘no-goodnik’ (R. Lieber, comunicação pessoal). O rápido declínio da produtividade de -nik nos dialetos principais do inglês é adicionalmente sugerido pelo fato de que as criações mais recentes envolvendo esse sufixo, atestadas no OED, são os substantivos ‘computernik’ (1973) e ‘refusenik’ (1975). De qualquer forma, dado o fato de -nik em inglês ser exemplo relativamente recente de afixo condensado, seguido por uma rápida subida e depois queda na sua produtividade, o caso ilustra particularmente bem o ciclo de vida quase completo de um tipo de afixo. É notável que isso possa ter sido observado no curto período da última metade do século passado.

Vários afixos têm aumentado a sua produtividade na últimas décadas. Por exemplo, Adams (2001: 39) menciona o formador coloquial de advérbios de “ponto de vista” -wise (por exemplo, ‘weatherwise’, em *October is usually a ve,:v good month weathervisc*) (OED: 1971), ‘acting-wise’, em *Acting-wise I like! Katharine Hepburn* (UEO: 1981), ‘talent-wise’, em *It’s poor show, talent-wises*, apontando que “em advérbios com essa função, -wise “parece ter se tornado visivelmente produtivo recentemente, a partir da segunda metade do século XX”. Em Knowles (1997: 161), pode-se ler que “nos anos oitenta e noventa, os sufixos -ism e -ist tornaram-se particularmente produtivos no campo da POSTURA POLÍTICA” (p. ex., ‘ableism’, “discrimination in favour of the able-bodied or against the disabled”, ‘bodyism’, ‘faceism’, ‘sizeism’, “concerned with inappropriate concentration on the physical appearance”, ‘youthism’, “over-concentration by society on the rights and interests of the young”). Dalton-Puffer (1999) demonstra, com base em dados extraídos do *British National Corpus*, que o sufixo nominal -ful_N (‘mouthful’, ‘burrelful’, ‘potful’, ‘busful’, ‘officeful’ etc) é usado com notável produtividade no inglês atual, embora o número total de *tokens* com esse sufixo encontrados no corpus seja quase 17 vezes menor que o número de *tokens* que representam o seu (agora virtualmente improdutivo) homófono formador de adjetivos (3,083 e 81,889, respectivamente): caracteristicamente, o número de *hapax legomena*, i.e, *types* ocorrendo apenas uma vez em um *corpus*, é maior para ful_N que para ful_A (74 e 50, respectivamente).

Uma imagem um pouco diferente de mudanças na produtividade surge quando se levam em conta pares (ou conjuntos) dos chamados afixos rivais. Estes são elementos que, apesar de formalmente distintos, realizam a mesma função derivacional. Portanto, devem estar ligados a processos concorrentes de formação de palavras. Por exemplo, a nominalização deverbal abstrata do inglês revela vários sufixos rivais que vão desde os completamente improdutivos -ter (‘laughter’) e -th (‘growth’), passando pelos moderadamente produtivos -ency, -ancy, -ence, -ance, -age, -al, -ery, -ure e -ment, até o sufixo altamente produtivo -ion (para maiores detalhes, ver, por exemplo, Bauer 2001: 177ss). Como é bem conhecido para os sufixos mais amplamente utilizados da lista, o escopo da sua aplicação é, em grande parte, delimitado por condições complexas ou restrições, de modo que, normalmente, para uma única base não se encontram formas co-existentes rivais com o mesmo significado. Mas o escopo da regra de anexar um sufixo específico pode estar sujeito a mudanças. Em particular, a relação entre os dois sufixos, -ment e -ion (juntamente com suas variantes, -ution, -cation, -ution, -ition) sofreu modificação num passado não tão distante para que se possa falar de uma mudança decisiva na sua produtividade relativa. A investigação de uma amostra baseada em dicionário de nominalizações do inglês, conduzida por Bauer (2001), demonstra que o sufixo -ment (como em ‘involvement’) “parece ter sido produtiva entre o século XVI e meados do século XIX” (Bauer 2001: 181). Como resultado, a tendência nos dias atuais é usar, para nominalizações deverbais, tanto a variante adequada de -ion quanto a conversão (principalmente para verbos não-afixados). Em particular, a comparação dos dados relevantes derivados do OED para o período 1600-1950 revela “um aumento na produtividade da variante -ation com queda da produtividade de -ment” (Bauer 2001: 18-1)

8. Semântica: mudanças nas funções de formativos

Em uma escala micro, alterações nas funções de formativas podem ser detectadas quando observamos algumas modificações recentes no comportamento semântico (e sintático) de palavras complexas individuais. No entanto, a menos que o novo elemento de

significado recorra em certas palavras representado um novo padrão morfológico, a mudança deveria ser vista simplesmente como uma inovação lexical isolada, uma idiosincrasia limitada a um item lexical, não como uma expansão ou mudança na semântica de um afixo particular (para uma tipologia semântica útil do primeiro tipo, ver, p.ex., Algeo 1998: 69).

Deixe-me ilustrar este ponto com o verbo inglês *cor para verde*, ‘to green’, conversão do adjetivo correspondente (para mais detalhes e documentação completa, ver Fischer 2000). Assim como com os verbos para outra cor em inglês, derivados também por conversão (‘to white’) ou por sufixação de -en (‘to whiten’), há dois sentidos principais e bem estabelecidos para ‘to green’, cruentemente parafraseáveis como (1) “tornar-se verde (intransitivo) e (2) “colorir de verde” (transitivo). No entanto, como Fischer (2000) demonstra, o *status* semântico de ‘to green’ (e sua nominalização ‘greening’) é bastante especial. em comparação com os outros verbos de cor, uma vez que, na segunda metade do século XX, o verbo desenvolveu dois novos sentidos: (3) “tornar (uma área urbana) mais verde ou rural na aparência, especialmente por plantação de árvores etc” (primeiro registo em 1979) e (4) “tornar (uma pessoa etc) sensível às questões ecológicas, daí, fazer (algo) menos prejudicial ao meio ambiente, adaptando-se ao longo de linhas ambientalmente amigáveis” (primeiro registo em 1985). Considere, respectivamente, *The greened inner cities* e *Thee ectorates are being greened* (exemplos adaptados de Fischer 2000: 81). Fischer argumenta que, hoje, “os novos sentidos ecológicos dominam todos os outros”. Pode-se adicionar que a “função ecológica” ocorre mais frequentemente por causa da pragmática, de fatores extralinguísticos, isto é, seu uso na mídia. Claro, seria absurdo afirmar que os novos “sentidos ecológicos” são, por qualquer mecanismo, um novo recurso de conversão como um processo ou que a conversão pode ter sido responsável por esses desenvolvimentos. Eles são ligados, evidentemente, a um produto de conversão (na verdade, ocasionados por uma ampliação da semântica do adjetivo-base, ‘green’, por ele mesmo).

Mas também há espraiaamentos mais difundida na semântica de derivativos individuais, que ocorrem serialmente dentro de um padrão particular, que pode nos dizer algo sobre a mudança semântica também de formativos. Tais casos podem ser observados nos chamados afixos multi-funcionais (polissêmicos), ou seja, elementos que, em uma base regular, rendem mais de uma função. Pode-se hipotetizar, então, que um significado particular de um dado afixo pode ganhar destaque, enquanto outro pode entrar em declínio (portanto, como é argumentado, por exemplo, em Bauer (2001: 199), “significados diferentes da mesma forma devem ser tratados separadamente, quando questões de produtividade estão envolvidas”). Foi exatamente isso o que aconteceu recentemente com, por exemplo, os sufixos formadores de substantivos -ship e -ee.

O OED dá, na entrada principal para -ship, os seguintes significados principais do sufixo (quando usado como um elemento formador de substantivos denominais): “estado ou condição de ser N” (p.ex., ‘friendship’), “escritório, posição, dignidade, ou posto de N” (‘ambassadorship’), “estado de vida, ocupação ou comportamentos relacionados com ou conectados com N” (‘courtship’) e, finalmente, há nomes em -ship que “têm um sentido coletivo” (ver também Marchand (1969: 345-6) para uma classificação mais detalhada). É na última categoria que quero me concentrar aqui. Caracteristicamente, o OED não lista, na entrada de -ship, quaisquer exemplos modernos de uso coletivo desses substantivos em contexto. Encontram-se apenas comentários de que tais substantivos “eram numerosos em OE”.

The latest trends in english word-formation

No entanto, quando procuramos as entradas individuais para alguns substantivos em -ship, acontece que o significado coletivo é muitas vezes reconhecido. Note-se que o sentido coletivo (quando presente) é atestado com uma data mais antiga que a dos significados restantes (estado / condições / escritório etc.) Por exemplo: ‘readership’ (1923/1719), ‘membership’, “membro”, (1850/1647), ‘partnership’, “parceria” (1802/1576), ‘leadership’, “liderança” (1939/1821), ‘trustship’, “tutela” (1885/1730), mais um exemplo de uso antigo coletivo: ‘fellowship’. Isso parece sugerir que o sentido coletivo é secundário, e posterior, em relação às outras funções de -ship, mas esse desenvolvimento não é excepcional. Muitos substantivos em -ship não desenvolveram o significado coletivo (por exemplo, ‘professorship’ (1641), ‘judgeship’ (1677), ‘citizenship’, “cidadania” (1611), ‘teachership’ (1846). Para alguns outros substantivos, pode-se detectar um ligeiro tom de significado coletivo. Por exemplo, o principal significado de ‘listenership’ (1943), como definido no *Webster’s Ninth New Collegiate Dictionary*, é coletivo: “público de um programa de rádio ou álbum gravado”, isto é, “Listeners, coletivamente”, enquanto o OED2 só dá uma paráfrase qualificada restrita: “o número estimado de ouvintes de um programa”. Por outro lado, deve-se acrescentar que, no inglês dos dias de hoje (britânico e americano), pode-se encontrar mais exemplos de uso coletivo de -ship, que simplesmente não se encontram no OED, mesmo se uma entrada lexical adequada exista no dicionário. Tal é o caso de ‘butlership’, ‘contributorship’, ‘landownership’, ‘subscribership’ (listados também em Adams (2001: 9. 64) como exemplos de substantivos coletivos). Assim, por exemplo, sob ‘landownership’, encontramos, no OED, um claro exemplo (1867) sugerindo que o substantivo pode ser interpretado como coletivo: “*England’s landownership will never be without the representatives*”. Com base na evidência apresentada, apenas se pode concluir, então, que o sufixo inglês -ship parece estar recuperando sua aceção original (OE) de marcador de coletividade.

O sufixo formador de substantivos -ee oferece outra exemplo espetacular de recentes alterações na semântica afixal. O caso é investigado com detalhes em Bauer (1994: 40-47); aqui, por falta de espaço, apresentamos apenas os fatos mais significativos e as conclusões. Bauer apresenta uma comparação semântica de duas amostras de derivados em -ee: um conjunto de 100 itens constituídos por formações do século XIX extraído do OED1 (substantivos como ‘employee’, “empregado” (1850) etc.) A outra amostra, com base em uma variedade de fontes recentemente publicadas, dá 60 palavras do século XX utilizando o sufixo -ee, das quais 11 são realmente listadas no OED2 (porque hoje somos capazes de confrontar a última amostra amostra com o conteúdo do OED2, acontece que, na verdade, 4 itens não deveriam ter sido incluídos na lista, uma vez que são atestados primeiramente em séculos anteriores: ‘bribee’, “subornado” (1858), ‘dislocatee’ (1827), ‘promissee’ (1733), ‘pumpee’ (1834)). As conclusões que seguem da comparação são bastante elucidativas: no século XIX (e anteriores), o sufixo -ee é usado regularmente – e quase exclusivamente – em nomes pessoais com um significado passivo, tendo a função gramatical de qualquer objeto direto (por exemplo, ‘appointee’, “nomeado”) ou objeto de uma preposição (por exemplo, ‘payee’, “beneficiário”) em relação ao verbo-base (apenas 2 substantivos com função de sujeito foram registrados). No século XX, a situação é marcadamente diferente. Mais importante, “o número de palavras em -ee que agem sintaticamente como objeto de uma preposição está caindo neste século, enquanto o número de formações de sujeito está em ascensão” (Bauer, 1994: 46). Essa nova tendência pode ser ilustrada com neologismos de sujeito como ‘attende’, “participante”, ‘knockee’, ‘waitee’. Em segundo lugar, Bauer aponta que há um outra tendência, relativamente nova (final do século XX), em que o sufixo denota entidades inanimadas. Vários exemplos de cunhagens de recentes termos em linguística são dadas para ilustrar esse desenvolvimento:

‘advancee’, ‘coursee’, ‘cliticee’ etc Para resumir, duas conclusões podem ser tiradas a partir do fatos apresentados: (a) o sufixo -ee é pelo menos moderadamente produtivo no inglês atual (por vezes dá origem a neologismos) e (b) seu escopo de uso e sua semântica sofreram mudanças significativas nas últimas décadas (ver também Adams (2001: 29-31) para mais exemplos e discussão).

Palavras finais

Espero ter demonstrado, com este breve estudo, que a formação de palavras em inglês está indo muito bem e mantém muitas pessoas ocupadas: em primeiro lugar, o usuário comum, o jornalista ou homem de mídia, o escritor e o *copywriter*, e todas as outras pessoas que gostam de testar, de tempos em tempos, os limites da criatividade morfológica e, finalmente, o linguista, que deve tentar dar sentido às novas criações.